

*Intervenção na Faculdade de Economia do Porto, na Sessão Solene de Atribuição do Título de Economista Emérito ao Senhor Doutor Miguel Cadilhe.*

*26 de Maio de 2023*

Senhor Director da Faculdade de Economia

Senhor Bastonário da Ordem dos Economistas

Senhor Presidente do Conselho Geral da Universidade do Porto

Senhoras e Senhores Professores

Senhor Doutor Jorge Dias, Presidente da Delegação da Ordem dos Economistas do Norte

Exmas. Autoridades

Senhoras e Senhores

Desde sempre ouvi o respeito com que minha Avó, que viveu anos na Póvoa, falava da família Cadilhe. Agustina Bessa-Luís, minha Mãe, tinha estima pessoal e consideração intelectual por si, Senhor Doutor Miguel Cadilhe. Meu Pai admirava a clareza da sua forma de pensar e o desassombro das suas intervenções nas reuniões que tinham em diversos Conselhos do Banco Português do Atlântico.

Tive o gosto de trabalhar com seu filho José Miguel na produção do Filme “Espelho Mágico” de Manoel de Oliveira, podendo então apreciar as suas qualidades pessoais e profissionais e os aconselhamentos que me foi dando noutros trabalhos.

Foi com o coração que aceitei o convite, que agradeço, para intervir nesta cerimónia de atribuição do título de Economista Emérito ao Senhor Doutor Miguel Cadilhe, falando sobre o seu percurso, pese a minha formação ser em Belas Artes, desenvolvendo actividade na museologia, no restauro, na pintura e na escrita.

Para falar sobre Miguel Cadilhe é muito pouco (até injusto), relembrar/celebrar apenas o seu percurso como aluno de excepção desta Faculdade, como economista, como Professor ou como Ministro da República.

Miguel Cadilhe não é apenas o economista é também um lúcido pensador e apoiante da Cultura do nosso País nas suas diversas vertentes, como procurarei mostrar.

É relevantíssimo todo este seu outro percurso porventura menos conhecido, mas tanto ou mais significativo nestes

tempos onde o mediatismo, levado ao rubro, posterga a avaliação de valores e conceitos, como sejam a ética, a honra, a dignidade, a palavra, a cidadania, ou seja, o SIGNIFICANTE.

A Cidadania, a Cidadania Ética é sem qualquer dúvida um meio – diria talvez o meio - para firmar e solidificar a formação das gerações chamadas a servirem as comunidades – *sejam familiares, económicas, sociais ou culturais* – evitando-se que as noções de Sociedade, de Liberdade e de Trabalho se reduzam a meros conceitos e juízos alegóricos/utilitaristas/tecnocráticos, impeditivos do achamento de novos espaços e laços sociais essenciais à *criação e manutenção da fé cívica e da moral social*, de modo a afastar a tentação imediata para a dissipação e o desperdício colectivo e social.

O percurso de Miguel Cadilhe é um exemplo de CIDADANIA e de FÉ CÍVICA. Nas suas palavras e no seu agir, não repousa a dissimulação, nem a incerteza ou a inverdade mas sim a lealdade e a confiança que o tornam não um homem do Terreiro do Paço mas para o Terreiro do Paço.

Miguel Cadilhe frequentou a Província onde ainda hoje se aprende e ensina, realmente, a andar e a viver segundo as regras e o bom conselho, seguindo a natureza e as suas leis, o acaso, condições e obrigações que a Província oferece de modo a evitar, como nos primeiros passos, precipícios e barreiras.

Nasceu em Barcelos, mas cedo foi levado para a Póvoa de Varzim a que ficou para sempre intimamente ligado, *como*

*lembra no seu livro Poemas da Minha Vida ao citar o também Poveiro José Carlos de Vasconcelos - Póvoa Póvoa trago-a comigo.*

*Ser Poveiro era um destino e não um mero recenseamento. A Póvoa, como escreve minha Mãe - que lá viveu em menina vários anos e onde aprendeu a lêr, a escrever e fez as suas primeiras amizades - amava as suas gentes, os seus meninos que em bandos iam comprar cadernos diários à Livraria Povoense, situada na Praça do Almada, e ver livros como os do Tarzan da Selva com seus irmãos elefantes expostos na primeira prateleira. A livraria, com o seu balcão polido, convertia esses bandos de meninos em oficiais das letras!*

Foi na Póvoa que Miguel Cadilhe fez a escola primária, frequentou o liceu Eça de Queiroz, fez amigos e teve uma alegre infância e juventude; conheceu o Mar com as suas vagas, marés e ventos caprichosos; no grande areal da praia pôde refletir sobre o horizonte e o desconhecido.

Como se lê no seu livro:

- Viveu *Em felicíssimo ambiente familiar de muitos irmãos*, conviveu com livros, leituras e conhecimento, aprendeu princípios e valores. A Mãe era pessoa amável e carinhosa, foi a sua primeira mestra de economia. O Pai, pessoa boa, culta e inteligente, era secretário do Município e dirigia o conceituado semanário *Ala-Arriba*, introduziu-o na arte de ler. A Família morava numa casa perto da referida Praça do Almada onde era a Câmara Municipal o que permitia uma saudável convivência familiar aos almoços e jantares em que todos se juntavam, o que ajudou na formação do

seu carácter. Eram nove sentados à volta da mesa grande, escreve.

O jovem MC teve acesso à vasta Biblioteca da Casa – leu Camões, Eça, Junqueiro, Camilo, Garrett e tantos outros. Participou, e foi premiado em jogos florais juvenis, fez teatro no Cine-Teatro Garrett, frequentou o Café Diana Bar, *uma verdadeira casa de cultura da Póvoa*. - (...)

Casou em 1970 com Antónia na capelinha de S. Bento, em Joane. Seguiram para Lamego, onde MC cumpria tropa e descobriu o Grande Vale do Douro, a fantástica obra humana dos socalcos, dos muros e dos vinhedos, a densidade histórica da região, as quintas, as igrejas, os conventos, os castelos, as pontes, as vilas e as aldeias, as terras e as gentes durienses e transmontanas. Talvez... as viagens para Lamego o tenham começado a despertar para a necessidade de um “*Sonoro Movimento pelo Interior*”.

Como ministro das Finanças, MC concedeu um forte apoio fiscal aos criadores artísticos – pintores, escultores, escritores - permitindo o englobamento, para efeitos do IRS, de apenas 50 % dos valores recebidos pelas suas actividades e produções. Está na génese da criação do importantíssimo regime fiscal de mecenato.

Como estaria o desenvolvimento cultural de Portugal, também no que respeita à preservação do património, sem a existência destes consideráveis apoios financeiros e fiscais?

Teve um papel decisivo quer na compra da Quinta de Serralves quer na instituição da Fundação de Serralves verdadeiras jóias da Cidade do Porto!

Quem não se lembra da comemoração dos 200 anos do Ministério das Finanças com a realização de diversos eventos, entre os quais a excelente e significativa exposição de pintura portuguesa com obras de Paula Rego, Menez, Lapa, Batarda e outros, tendo parte importante desse espólio sido integrada no património do Ministério.

Miguel Cadilhe fundou e protege diversas Associações com escopo cultural, seja como associado ou dirigente. Lembro algumas:

*Fundação Júlio Resende* de que foi Presidente, sendo ainda membro do Conselho de Fundadores; *Fundação Portugal África*, sediada no Porto, de que foi o seu primeiro Presidente; *Círculo Literário Agustina Bessa-Luís* onde assumiu a Presidência do Conselho Fiscal; *Cooperativa Artística Árvore* de que também foi Presidente da Assembleia Geral; concebeu e escreveu os estatutos do *Círculo de Estudos do Centralismo*, com sede em Miranda do Douro sendo Presidente da Assembleia Geral. O *Círculo* terá no desenvolvimento da Biblioteca do Centralismo e Desenvolvimento um importante instrumento para a sua missão tendo já começado a reunir em depósito diverso espólio.

Fundação hispano-portuguesa Rei Afonso Henriques, sediada em Zamora, decisiva para impulsionar a candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial em cuja fundação minha Mãe esteve presente a seu expresso convite.

Foi um processo exigente que agregou muitas vontades que garantiram a elaboração de estudos e das suas tramitações e aportaram valiosos apoios financeiros.

Em 2001 a UNESCO veio a reconhecer a denominação de Património Mundial. Que grande serviço prestou ao Douro, às suas gentes, ao seu património e à sua economia.

Em 2002, Miguel Cadilhe, considerou essencial que houvesse uma mobilização dos cidadãos e do mundo empresarial em torno da defesa e da conservação pelos tempos futuros do Douro Vinhateiro como Património Mundial. Para isso deu os primeiros passos para a criação da Liga dos Amigos do Douro Património Mundial (LADPM) de que foi autor dos seus Estatutos e é Associado nº 1. Ao fundar a Liga Miguel Cadilhe reafirma a sua ligação com o Douro que diz ser *uma relação de afeto e um ato de inteligência*.

É ainda associado activo, no âmbito do Associativismo Cultural. Não querendo ser exaustiva cito: Sociedade Histórica da Independência de Portugal; Círculo Amigos Museu Nacional Soares dos Reis; Círculo de Cultura Teatral - Teatro Experimental do Porto; Associação Comercial do Porto, associações onde tem efectivo papel de relevo.

Como referi, em 2005, foi editado na série com o mesmo nome pelo Jornal Público a coletânea de poesias por si escolhidas – *Poemas da minha vida* - livro que inclui um diálogo parlamentar, em prosa-quase-poética, com a deputada e poeta Natália Correia, chamado “*Formiga na Cultura, Cigarra nas Finanças*”, bem como um rudimentar poema de sua autoria - “*Trilhar o teu caminho sem trilhar os*

*caminhantes*” dedicado ao filho José Miguel, no fim de curso da Universidade Católica.

É co-autor de “*A gestão das instituições culturais*”, livro editado pela Fundação Dr. António Cupertino de Miranda. Como economista de pendor matemático, publicou *Matematismos*, uma crítica ao uso da economia como pretexto para fazer matemática correndo o economista sérios riscos de anti-cultura. MC pretendeu assim avisar contra a subalternização do ‘qualitativo’ em diversos métodos e modelos econométricos e similares.

É vasta a publicação de artigos e entrevistas sobre a realidade nacional em que temas ligados à cultura são abordados.

Em 2022 MC publicou textos, alguns em co-autoria, sobre centralismo e descentralização de Portugal que, antes de ser uma questão política é uma duríssima questão cultural.

A propósito da Descentralização e à pergunta - *é viável a descentralização da Cultura Portuguesa* - minha Mãe responde: *o que eu acho é que se deve promover a descentralização dos meios de cultura, para além dos grandes centros. Acrescentando - que a Cidade pequena, harmoniosa no seu conjunto cultural, urbanístico e administrativo é aquilo que na Europa ainda define uma maneira de viver ao abrigo da dispersão e da irresponsabilidade.*

Miguel Cadilhe debruçou-se sobre elementos históricos da Linha do Douro sendo o 1.º subscritor da Petição Pública pela Linha do Douro até Barca D’Alva, ligando a



Salamanca; petição calorosamente recebida quer pela sociedade, quer pelo Parlamento.

Esta sua petição e projecto mereceram o apoio incondicional e emotivo de minha Mãe, apoio que homenageava seu Avô, Lourenço Guedes Ferreira, que esteve intimamente ligado à construção e gestão da Linha do Douro e Salamanca, razão das nossas origens Durienses.

Para além da apresentação de livros e autores relacionados com a economia, finanças e gestão, apresentou livros de Autores como: Nuno Júdice, Mário Cláudio, Salvador Coutinho...na Fundação Champalimaud co-apresentou a exposição póstuma retrospectiva, da Pintora Armanda Passos, publicou textos sobre diversas individualidades: Francisco Sá Carneiro, Mário Soares, Francisco Lucas Pires, Vasco Graça Moura, Miguel Veiga, Manuel Baganha, Júlio Resende, Armanda Passos (vários), António Sousa Franco.

Senhoras e Senhores

Concluo, reafirmando que Miguel Cadilhe não é só homem da economia, mas também homem da cultura o que quer significar que é um homem ético, para quem o pensamento é um modelo de vida, uma paixão e não um ofício dominado pela avidez.

Agradeço como cidadã à Ordem dos Economistas ter querido fazer memória da vida e obra exemplares de Miguel Cadilhe.

Parabéns Senhor Doutor Miguel Cadilhe por este dia.

Muito obrigada.

Porto 26 de Maio de 2023